



A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIOESTE: DANDO VOZ AOS ALUNOS JÁ FORMADOS¹

Vol. I nº 1 jan./jun. 2006

p. 155-160

Maria Lídia Sica Szymanski²

Este artigo objetiva refletir sobre as considerações apresentadas por quatro turmas de formandos no curso de Pedagogia da UNIOESTE, durante os anos de 1999 a 2002, quanto à disciplina de Prática Pedagógica, tal como essa disciplina vem se configurando no decorrer da 2^a, 3^a e 4^a séries do referido curso. Trata-se de um recorte de uma pesquisa maior, que buscava ouvir como os ex-alunos avaliavam esse curso, com o olhar já de fora da instituição acadêmica².

A partir de 1999, o curso de Pedagogia implantou um novo Projeto Político Pedagógico buscando superar a fragmentação que permeou o modelo proposto pelo Estado para o curso, por três décadas, apoiado na formação de especialistas em Supervisão, Orientação e Administração Escolar. Tornava-se necessário formar um pedagogo generalista, capaz de assumir as diversas funções pedagógicas dentro e fora da escola, com um preparo mais aprofundado no que se refere aos Fundamentos da Educação. E em 2003, o Grupo de Pesquisa Aprendizagem e Ação Docente objetivou dar voz aos ex-alunos do curso com esse novo formato, no intuito de, após cinco anos, rever seus resultados, investigando seus limites e perspectivas de atuação profissional.

A população, referente aos alunos formados nas turmas de 1999, 2000, 2001 e 2002, correspondia a 204 sujeitos, definindo-se que trabalharíamos com uma amostra de pelo menos 50%, pois embora buscássemos localizar todos, alguns já não mais moravam em Cascavel ou região, outros poderiam ter mudado e não mais serem localizados, ou recusarem-se a responder às questões.

Elaborou-se um Roteiro de Entrevista tendo em vista os objetivos da pesquisa, com 10 questões semi-diretivas, para que se pudesse dialogar sobre as relações entre os saberes docentes e os saberes profissionais, das quais destacar-se-ão duas, mais diretamente voltadas às disciplinas de Prática de Ensino: a que solicitava sugestões dos egressos quanto a possíveis modificações no atual currículo do curso de Pedagogia da UNIOESTE-Cascavel, principalmente na parte que se refere especificamente às Práticas Pedagógicas, ofertada nos três últimos anos do curso, e a que solicitava que os ex-alunos falassem livremente sobre a formação proporcionada pelo curso.

A Prática de ensino I tem por objeto a caracterização da estrutura e organização escolar. A Prática de Ensino II refere-se ao trabalho do pedagogo enquanto articulador do trabalho pedagógico, e a Prática de Ensino III tem por objeto a experiência da docência.

Na questão que solicitava aos alunos que assinalassem o que modificariam no curso como um todo, foram apresentados itens tais como: carga horária, disciplinas, ou avaliação. Verificou-se que, dos que atuam como **docentes**, o item mais assinalado refere-se à carga horária das disciplinas (40% de 22), que sequer foi mencionado pelos não docentes. Enquanto que, entre os que **não** atuam como **docentes**, o item mais assinalado refere-se a alterações na Prática de Ensino (37% de 12). O item referente à Metodologia Docente foi proporcionalmente assinalado, tanto por docentes quanto por não docentes. Entretanto, o item referente à Prática de Ensino foi assinalado por um número de não docentes 150% maior do que por docentes. Portanto, os não docentes manifestaram maior desejo de mudança com relação à Prática de Ensino do que os docentes. Muitos itens eram deixados em branco, dando a entender que não precisariam ser alterados, ou mesmo que as sugestões já estavam contempladas em um outro item.

Quanto ao item **Prática de Ensino**, várias observações foram apresentadas, sendo que tanto ex-alunos que atuavam como docentes quanto não docentes (7/112) afirmam que “no noturno não acontece”. Essa colocação explica-se tendo em vista a dificuldade que os alunos do noturno apresentam de disponibilidade para estágio nos períodos da manhã e tarde, não contemplando o objeto da Prática de Ensino III que é a docência nas séries iniciais do Ensino Regular. Outra solicitação apontada por docentes e não docentes (3/112) é de que o trabalho em “sala(de aula) seja mais constante”, e que a Prática deveria “abranger todo o campo do Mercado de Trabalho” (4). Pode-se supor nesse caso, que estes alunos sugerem que o estágio de docência envolvendo atividades em sala de aula ocorra com regularidade, e que a Prática de Ensino envolva outros campos de trabalho, como Educação para o Trânsito (CCTT), crianças e adolescentes em situação de risco ou na área de Recursos Humanos em empresas, envolvendo atividades de recrutamento, seleção e treinamento, possibilitando acompanhamento escolar para crianças em ambiente hospitalar ou ainda na elaboração de Projetos em diferentes ONGs.

Alguns itens foram apontados apenas por **não docentes** afirmando que a Prática de Ensino deveria ser “mais adequada ao trabalho pedagógico” (2), “professores não motivam os alunos para o trabalho” (1), “a prática em sala de aula deve ser individual” (1), que se deve “melhorar os Projetos a serem aplicados” (1). Outras sugestões foram apontadas apenas por **docentes** que reivindicam “professores com maior clareza e experiência” (5) e a realização das “Práticas I, II e III na mesma

escola" (1). Pode-se inferir, portanto, que os **docentes** esperam que os professores que assumem a Prática de Ensino possam estar contribuindo, mesmo para quem já tenha alguma experiência. Talvez nessa direção caminhe a solicitação muito maior entre os docentes do que entre os não docentes (3/1) de que a Prática de Ensino contemple outros campos de trabalho, isto é quem já tem experiência de 1ª a 4ª série poderia estagiar em outras áreas de trabalho.

Os **docentes**, no item **conteúdo**, apresentam sugestões pulverizadas tais como "técnicas para desenvolver a abstração/cálculo" (1), "rever conteúdos de Educação Infantil" (1), "rever a disciplina OTPGE" (1), "análise crítica da LDB, PCNs e Currículo Básico" (2), deveria "trabalhar Paulo Freire" (1), "trabalhar Planejamento/Parte burocrática" (1), "mais voltados para a formação" (1). Já os **não docentes** apontaram aspectos tais como os conteúdos "são bons, amplos e norteadores" (1), solicitaram que fossem "explorados mais os conteúdos dos textos" (1). O aspecto mais apontado por **docentes e não docentes** (17/112) refere-se ao fato de que o conteúdo deveria estar mais interligado com a prática docente, ainda ambos os grupos, docentes e não docentes solicitaram maior articulação entre os textos utilizados e as ementas (5/112), e outros sugeriram que a disciplina Teoria e Prática das Séries Iniciais deveria ser planejada de maneira articulada com a Prática de Ensino III

Solicitou-se, ainda, que os ex-alunos falassem livremente sobre a formação proporcionada pelo Curso de Pedagogia da UNIOESTE. Entre os docentes com expectativa **definida e voltada à Área de Educação** (59%) no início do curso, 35% apresentaram argumentos positivos, 17% argumentos negativos, e 7% não responderam. Foram apresentados os seguintes argumentos favoráveis: o curso oferece uma boa formação, melhor do que nas faculdades particulares (8), as disciplinas Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar e Políticas Educacionais estão bem colocadas, pois os alunos identificam melhor a origem dos problemas sociais (8) e/ou compreendem melhor o processo de ensino-aprendizagem (15) e há uma boa articulação teoria-prática (4).

Os argumentos negativos apresentados pelos 17 % dos docentes foram os seguintes: falta de docência na prática pedagógica e falta de metodologia articulada à fundamentação teórica(5), excesso de Política(1), professores faltosos/mal preparados (4), contempla a teoria e falta na prática(6), falta de embasamento para atuar como Orientador Educacional, Supervisor Educacional e Administrador Educacional (1).

Entre os 14 **docentes** que apresentaram **expectativas indefinidas em relação à Área de Educação**, no início do curso, 6 referem-se ao curso de maneira negativa, pois contempla teoria e falha na prática (4), e outros dois sujeitos disseram que há professores dinossauros, que impõem idéias (2). E 6 referem-se ao curso de maneira positiva argumentando que a formação é boa e melhor do que nas particula-

res (1), boa articulação e prática proporcionando uma melhor compreensão do processo de ensino-aprendizagem (5). E dois sujeitos deixaram em branco essa questão.

O grupo dos **não-docentes** envolveu 39 sujeitos que não têm regência de sala, embora 3 pessoas deixassem claro que trabalharam com outra atividade na área de Educação. Desses, 28 apresentaram expectativa definida no início do curso, dos quais 12 avaliaram-no positivamente. Os argumentos “faltou docência na prática de ensino” e “quanto à metodologia e fundamentação teórica” (5), que aparentemente seriam pontos considerados negativos, podem ser considerados positivamente, no sentido de revelarem uma preocupação com a insuficiência de sua formação para a docência. Esses argumentos e ainda as considerações de que o curso propiciou uma “melhor compreensão do processo de ensino-aprendizagem” (6) e “proporcionou uma aprendizagem efetiva, com conhecimento diferenciado de mundo e sobre a origem dos problemas sociais” (4) foram apresentados exclusivamente por sujeitos **não-docentes** que tinham uma expectativa **definida** no início do curso. Outros argumentos tais como excesso de política, necessidade de aprofundamento epistemológico e não contempla teoria e prática, foram apresentados de forma quantitativamente igual, por não docentes com expectativas definidas e indefinidas.

Proporcionalmente, a maior porcentagem de alunos que manifestaram argumentos de satisfação (35) encontra-se no grupo de docentes que tinham uma expectativa definida no início do curso, isto é quase 68% desse subgrupo; a menor porcentagem de argumentos de satisfação encontra-se no subgrupo dos não docentes como expectativas iniciais indefinidas (36%). Os grupos que apresentavam expectativas iniciais indefinidas, docentes e não docentes, apresentam diferenças marcantes nos argumentos apresentados, do ponto vista qualitativo, embora quantitativamente, se considerarmos os argumentos positivos, negativos e em branco, a distribuição dos sujeitos seja semelhante nos dois grupos.

Entre os sujeitos que entraram com expectativa **indefinida** e hoje atuam **na docência** (14), 42%(5) apresentou argumentos negativos em relação ao curso, porcentagem semelhante à categoria dos indefinidos que não atuam na docência, isto é, o aspecto mais relevante na diferenciação dos grupos está no fato das expectativas iniciais serem definidas ou não, do ponto de vista quantitativo. Entretanto, a análise qualitativa dos argumentos apresentados revela diferenças de acordo com o fato de estarem ou não atuando como docentes.

Constatou-se que argumentos valorizando as disciplinas OTPGE e Política Educacional, e considerando ótima relação entre teoria e prática foram exclusivos de sujeitos que já atuavam na docência, com expectativas iniciais definidas e indefinidas, isto é, todo o grupo dos docentes, enquanto que apenas não docentes criticaram a falta de prática pedagógica e metodologias de ensino. Argumentos como

“professores despreparados e faltosos (4)” que o curso “não mantém o padrão de qualidade para todas as disciplinas” (1) e “falta de embasamento para atuar como Orientador Educacional/Supervisor Educacional ou Administrador Educacional (1)”, constituem-se em críticas mais pontuais, apresentadas apenas por docentes.

Constata-se que argumentos do tipo “crescimento profissional” e “boa formação” ou “o melhor curso” são elementos positivos aos quais todas as subcategorias referem-se, mas que se constituem em uma absoluta ausência no grupo dos não docentes com expectativas iniciais indefinidas. Aí o silêncio fala.

Ainda, a porcentagem de respostas em branco foi proporcionalmente quase 100% maior entre os não docentes (7/39) do que entre os docentes (7/73), o que parece indicar um maior comprometimento entre os docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No geral, o curso teve excelente avaliação, tanto pelos docentes, quanto não docentes, apesar de alguns de seus aspectos pontuais terem sido criticados, e tanto aqueles que entraram com expectativas definidas voltadas à área da Educação, quanto os que não se voltavam a essa área inicialmente, aumentaram seu nível de satisfação no decorrer do curso como um todo.

Em determinados aspectos não se observa diferença na avaliação dos docentes e não docentes, como na questão da receptividade nas escolas em que foram desenvolvidas as atividades das disciplinas de Prática de Ensino, avaliadas positivamente por ambos os grupos entrevistados que relataram ainda, dificuldades na atuação e que essas dificuldades apontam à prática, isto é para o “fazer pedagógico”. Entretanto, alguns entrevistados ao reconhecerem que “dificuldades sempre existirão” no percurso da prática profissional, destacaram a importância da reflexão e de novos estudos para superá-las.

Embora as disciplinas referentes à Prática de Ensino estejam contempladas em três diferentes séries do curso e seus objetos de estudo tenham conotações diversas, houve solicitações no sentido de que fossem atribuídas a um mesmo orientador. Entretanto é importante que se esclareça que a diversidade dos orientadores pode enriquecer essas práticas, desde que se busquem alternativas para superar a fragmentação que parece decorrer dos atuais encaminhamentos.

Constatou-se que o curso prepara para ampliar a compreensão crítica da realidade na sua dimensão sócio-histórica e político-econômica; entretanto, deixa a desejar no que se refere aos instrumentos metodológicos e didático-pedagógicos.

A análise dos resultados revelou que o fato de os alunos estarem ou não atuando como docentes no decorrer do curso, constitui-se em um aspecto altamente relevante, tanto para a leitura que os acadêmicos fazem do curso em suas diferentes dimensões, quanto pela forma como se articulam posteriormente em seu “fazer pedagógico”. Ou seja, é justamente a sólida fundamentação teórica que todos reconhecem ter recebido, que lhes permite, inclusive, criticar aspectos da prática pedagógica.

Desse modo, pode-se considerar que ao levarmos em conta o conjunto das determinações que explicitam a evidência aqui destacada, é mais do que nunca indispensável à apreensão dos processos contraditórios pelos quais a ação pedagógica atravessa, também no curso de Pedagogia da UNIOESTE.

REFERÊNCIAS

Reestruturação do curso de pedagogia da UNIOESTE. **Projeto Político Pedagógico: Educação e compromisso social**. Cascavel: Edunioeste, 1997.

NOTAS

- ¹ O Grupo de Pesquisa, de cujas discussões a autora deste artigo foi a relatora, além de líder, compôs-se dos seguintes professores: Rossetto, E.; Paula, F. A. de; Brotto, I. J. de O.; Peruzzo, J.; Scalcon, S., além das acadêmicas Nogueira, E.G. e Gerke, E. de A.
- ² Mestre e Doutora em Psicologia, pela USP e Pós-doutora em Psicologia, Desenvolvimento humano e Educação, pela UNICAMP.